



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas

Milena Sousa de Carvalho

MEMORIAL DA REPORTAGEM "Órfãos do feminicídio"

Brasília
2022

Milena Sousa de Carvalho

MEMORIAL DA REPORTAGEM "Órfãos do feminicídio"

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
apresentado à Faculdade de Tecnologia e
Ciências Sociais Aplicadas, como requisito
para obtenção ao grau de Bacharel em
Jornalismo no Centro Universitário de Brasília
- UniCEUB.

Professor Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

**Brasília
2022**

Milena Sousa de Carvalho

MEMORIAL DA REPORTAGEM "Órfãos do feminicídio"

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
apresentado à Faculdade de Tecnologia e
Ciências Sociais Aplicadas, como requisito
para obtenção ao grau de Bacharel em
Jornalismo no Centro Universitário de Brasília
- UniCEUB.
Professor Dr. Luiz Cláudio Ferreira Orientador

Brasília, dezembro de 2022

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Luiz Cláudio Ferreira Orientador

Professor Guilherme Di Angellis da Silva Alves

Professora Sandra Araújo de Lima da Silva

Dedicatória

A todas as mães, vítimas de feminicídio, que acompanhei o enterro durante estágio no Portal Metrôpoles. Que possamos lutar por mais dignidade para os filhos dessas mulheres que se foram de forma tão brutal. À família de Jacqueline e Joana que abriram as portas para me receber e contar as histórias dessas mulheres fortes e seus filhos.

Agradeço à minha família pela segurança afetiva que sempre me deram. Eles que me suportam no sentido de permitirem que eu dedicasse tanto tempo ao curso e ao trabalho de conclusão.

Gostaria de agradecer imensamente ao meu professor e orientador, Luiz Cláudio Ferreira, por me apoiar e incentivar a fazer bom jornalismo. Ele me ensinou a ter uma visão mais sensível do mundo, e também me mostrou que as piores desigualdades são estímulos para a tentativa de se fazer um mundo melhor.

Resumo

Este memorial se refere à grande reportagem “Órfãos do feminicídio” produzida com o objetivo de analisar a situação dos órfãos na capital federal e as redes de apoio que essas crianças e adolescentes recebem. As políticas de combate à violência de gênero têm avançado no Brasil nos últimos anos, mas a assistência aos órfãos do crime de feminicídio ainda é limitada, motivo que inspirou o tema desenvolvido por esse conteúdo jornalístico. A reportagem mostra como sete órfãos sobrevivem após a perda violenta da mãe. Neste memorial, são feitas reflexões sobre o papel do webjornalismo e grande reportagem, modelo escolhido para apresentar as histórias.

A grande reportagem pode ser acessada em:

<https://milencarvalho106.wixsite.com/-rf-os-do-femic-di>

Palavras-chave: Feminicídio; Distrito Federal; Órfãos; Órfãos do feminicídio; Violência doméstica.

Sumário

Introdução.....	6
Grande reportagem.....	9
Web jornalismo.....	11
Mulheres no jornalismo.....	13
Diário de bordo.....	15
Considerações finais.....	17
Referências.....	18

Introdução

Com o intuito de propor reflexões sobre a situação dos órfãos do feminicídio no Distrito Federal, a grande reportagem “Órfãos do feminicídio” mostra a realidade de sete filhos de mulheres que foram assassinadas brutalmente por seus companheiros. Essas crianças, além de perderem a mãe, também ficaram sem o pai. O objetivo do trabalho é lançar luzes aos filhos, que são uma camada invisível da violência contra a mulher.

O Distrito Federal é a sexta unidade federativa do Brasil com mais registros de feminicídios. São 147 vítimas, de 2015 a setembro de 2022. São dessas mulheres os úteros que geram órfãos. Das vítimas, 116 eram mães e 40 tinham mais de dois filhos, de acordo com o Painel do Feminicídio da Secretaria de Segurança Pública do DF. O feminicídio fez 286 órfãos na capital federal até setembro, sendo 159 menores de idade. Dessas crianças, pelo menos 104 chegaram a presenciar a mãe sendo violentada de maneira física e psicológica. De acordo com a Secretaria de Segurança Pública do DF, 110 mulheres foram mortas dentro de casa e cerca de 48 crianças viram a mãe morrer.

As políticas de combate à violência de gênero têm avançado no Brasil nos últimos anos, mas a assistência aos órfãos deste crime ainda é limitada. Na capital federal, os órfãos podem receber atendimento nos centros de referência da mulher vítima de violência, mas não há nenhuma lei no país que ampare, de fato, os filhos dessas mulheres. O único projeto criado a favor dos órfãos ainda não saiu do papel. Após 15 meses, a Lei nº 6.937, criada pelo relator da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Feminicídio, deputado distrital Fábio Felix (PSol), não está regulamentada.

A ideia de mostrar como essas crianças vivem depois de perderem a mãe e o pai de uma vez só, é também uma forma de cobrar por políticas públicas que minimizem

os efeitos do trauma e impeçam a transmissão da violência de gênero entre as gerações. Em relação à linguagem, optei pela busca de elementos do jornalismo literário, que também serviram para chamar a atenção do leitor para um olhar mais humano sobre os problemas enfrentados por essas famílias.

Ainda no campo da justificativa para este trabalho, é importante levar em conta que as crianças e adolescentes lidam com situações de distúrbio alimentar, insônia e terror noturno, e outros problemas mentais associadas ao transtorno de estresse pós-traumático e não recebem apoio do poder público. Esses traumas podem ser reproduzidos em atitudes violentas pelos filhos mais tarde.

As agressões de natureza física, sexual, psicológica e social causam traumas profundos na vítima, como estresse, depressão. As sequelas também atingem os seus filhos, que ficam expostos à dinâmica da violência na rotina do casal. Quando a criança é exposta a situações de violência, a tendência é de que ela passe a naturalizá-la e reproduza o mesmo comportamento. Hein de Campos (2019, p. 85)

Em muitos casos, a violência nas relações familiares revela a perpetuação do ciclo da violência, ou seja, “os adultos reproduzem a violência vivida em sua própria infância, enquanto as crianças são socializadas para no futuro utilizarem a violência como estratégia de enfrentamento de seus conflitos e dificuldades.” (Hein de Campo, 2019).

As crianças e jovens aprendem com cada situação que vivenciam, sendo o seu psicológico condicionado pelo social. Segundo a autora, a violência conjugal, ao transfigurar o lar num ambiente perigoso e inesperado, cria um mundo confuso, assustador e pouco seguro.

Existe a tendência de que as crianças criadas em uma casa violenta venham a reproduzir futuramente esse tipo de comportamento em decorrência de um processo de aprendizagem com base na imitação de modelos. Por isso, uma rede de atendimento adequada, com ações que ajudem a quebrar esse ciclo de violência, mostra-se tão necessária. “De um modo geral, os estudos que abordam a violência doméstica confirmam a associação dos abusos com prejuízos comportamentais por parte das crianças, chamando a atenção para a necessidade de suporte para as crianças e famílias que passam pelo crime. Hein de Campo (2019, p.90)

A residência familiar, que deveria representar, em tese, um local de tranquilidade e segurança, é onde há maior ocorrência de violência contra mulher, conforme demonstra o estudo realizado pela SSP-DF. De acordo com o relatório, 74,8% dos assassinatos ocorreram no interior das residências. Neste ambiente hostil, muitas crianças e adolescentes presenciaram as agressões físicas e psicológicas que a mãe sofreu.

“Os indivíduos reagem de formas diferentes a um trauma. Em se tratando de crianças sabemos que são imaturas e, portanto, têm pouco repertório para lidar com situações de estresse. O trauma pode desencadear comportamentos como: medo, ansiedade, tristeza, desconforto e mal estar”, explica a psicóloga infantil Letícia Souto.

Nem sempre a criança parte para um lar 100% seguro. Muitas vezes, o órfão vai morar com uma parente mulher, e essa mulher também sofre violência doméstica. Então, a possibilidade desses jovens repetirem violência na vida adulta é muito grande.

Os órfãos do feminicídio sobrevivem, mas seguem tendo de encarar a violência, o trauma, medo e desamparo. Alguns com os irmãos, outros com parentes mais próximos, mas todos sem a genitora.

Grande reportagem

A escolha pela grande reportagem se deu pelas características trazidas pelo tipo de produto. Logo de início, foi descartado o gênero de notícia, que não permite o jornalista fugir do modelo de lide. O modelo de documentário também foi descartado, já que não seria possível produzir imagens das crianças tratadas na reportagem.

Com o desenvolvimento da internet e a adaptação do jornalismo ao meio on-line, os links, fotos, textos, gráficos e outros instrumentos utilizados pelo repórter, puderam ser englobados em uma só plataforma. No caso específico, a plataforma utilizada privilegiou uma reportagem long form (conteúdo vertical ou horizontal de maior complexidade, tamanho, contexto e alcance).

A grande reportagem, necessariamente, busca coletar um número maior de informações, documentos e entrevistas, com o intuito de ampliar o questionamento social de um problema existente. O intuito é fazer que o leitor possa conhecer um pouco da realidade daqueles personagens que estão na reportagem, tendo assim, uma nova perspectiva da história.

Ricardo Kotscho (1995) conta que nas redações, são chamadas de grande reportagem matérias que são mais elaboradas e tem aprofundamento no assunto, buscando explorar todos os ângulos. O autor sugere que a grande reportagem está cada vez mais rara nos jornais pelo fato de exigir mais tempo, dinheiro e dedicação da equipe e do repórter para fazê-la.

As grandes reportagens são espaços para desdobramentos de conteúdos que sejam importantes. Fome, exploração sexual infantil, trabalho em condições de escravidão e feminicídio são algumas das temáticas indispensáveis no mundo jornalístico por se tratar de violência aos direitos humanos.

Reportagem é o núcleo essencial do jornalismo, deve sempre conter a descrição do fato, todas as versões das partes envolvidas e se possível a opinião de especialistas. O repórter deve sentir e registrar o ambiente para poder relatá-lo. A qualidade do texto final depende, em grande parte, do rigor da apuração. Segundo Santos, (1996, p. 122):

A grande reportagem tem teor jornalístico e busca investigar e aprofundar determinado assunto. Leva tempo e tem de ter apuração e todas as versões de um fato. A grande reportagem pode aparecer como a solução para um fator problema.

Webjornalismo

A possibilidade do leitor de interagir cada vez mais com o conteúdo do jornalismo on-line exige do repórter uma matéria repleta de links e recursos de interatividade que precisam ser planejados, estudados, avaliados e criticados e levam tempo, assim como o trabalho de apuração. A grande reportagem produzida também teve o intuito de entregar ao leitor uma experiência mais completa com materiais multimídia, como gráficos e galerias.

As ferramentas pensadas para a grande reportagem “órfãos do feminicídio” foram explicadas pelo autor Palacios (1999) e dão forma ao jornalismo Web. O autor estabelece cinco delas: 1) interatividade, que se constrói quando o veículo se aproxima do leitor, que, por sua vez, se envolve com o processo de construção do conteúdo. 2) hipertextualidade, quando existe a utilização de links para correlacionar diferentes matérias. 3) multimídia, quando instrumentos utilizados pelas mídias convencionais são também utilizados na Web (exemplo: imagem, som, texto, outros). 4) personalização, quando o veículo on-line se adequa às preferências do usuário. 5) memória, que permite que o usuário adquira um número muito maior de informações de uma maneira mais ágil, já que não é preciso se deslocar fisicamente para encontrar um documento ou conteúdo disponibilizado pelo webjornalismo.

Este tipo de conteúdo traz proximidade do leitor com a reportagem e com os personagens. Vídeos e galerias permitem uma visão 360° do conteúdo, além de outras formas de produções que aproximam o leitor do jornal.

Mais adiante, uma ‘quarta geração’ passou a ser reconhecida por autores como Machado (2000) e Schwingel (2005). Nessa fase, a produção jornalística se “industrializa”, usando “banco de dados” para facilitar a transmissão de informações.

Consideramos que o Jornalismo Digital de quarta geração consolidaria a utilização de bancos de dados complexos (relacionais, voltados a objetos) através da utilização de ferramentas automatizadas e diferenciadas (sistemas para a apuração, a edição e a veiculação das informações). Schwingel (2005)

Na reportagem, foi preciso utilizar as informações do Painel do Feminicídio que faz parte do banco de dados da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal

(SSP-DF). Com as informações do sistema foi preciso traçar um perfil das vítimas de feminicídio na capital federal e juntar dados sobre os filhos dessas mulheres. e Este passo foi muito importante para todos os caminhos que seriam seguidos depois na apuração.

As ferramentas disponibilizadas por Palacios (1999) tornaram-se importantes para o desenvolvimento da grande reportagem, e sustentam a importância de um conteúdo mais completo e complexo no sistema on-line. Mesmo que o produto não tenha se utilizado de todos os instrumentos teorizados pelos estudiosos, a reportagem buscou se colocar no meio on-line como um instrumento de combate ao grande número de informações e notícias produzidas sem profundidade por alguns portais de notícia.

Mulheres no jornalismo

A imprensa brasileira vem noticiando fatos ligados a movimentos sociais, refletindo sobre processos contínuos de mudanças graduais de determinados grupos sociais. No caso das mulheres, as pautas femininas têm diferentes significados. É importante que a mulher seja vista além dos afazeres domésticos e maternos.

Por muito tempo as representações sobre o gênero feminino permaneceram ligadas a uma ideologia tradicional. Só agora, é possível ver reportagens sobre mulheres em outros contextos. Este espaço para pautas feministas trouxe uma potência para as reportagens sobre as denúncias de assédio moral, sexual, abuso e descriminalização das mulheres na sociedade.

A violência contra a mulher também tem sido tema de debates na sociedade. Palestras acadêmicas, programas governamentais, noticiários transmitem o quanto é grande o número de vítimas. Apesar de estar se falando mais no assunto, as mulheres continuam sendo vítimas de feminicídio, dando um sentimento de total impotência às mulheres. Luiza Nichetti (2013)

A grande reportagem “órfãos do feminicídio” tem como um dos objetivos falar sobre a violência contra a mulher e sobre o crime de feminicídio. Mostrando algumas realidades de famílias que passam por isso, é possível cobrar para que novas políticas públicas possam ser trabalhadas em favor das mulheres, além de mostrar que todas as pessoas, individualmente, têm responsabilidade no que diz respeito a esse problema.

O sentimento atual é de total impotência mediante todos os tipos de violência contra mulher, seja física, psicológica ou sexual. Porque, por mais que se fale sobre o assunto, não há preocupação da maior parte da sociedade em evitar que mulheres possam parar de serem violentadas. E, isso ocorre principalmente por conta do movimento retrógrado que está acontecendo no âmbito político nacional, no qual os direitos dos grupos pertencentes à chamada “minorias” estão sendo facilmente retirados. Luiza Nichetti (2013).

Trazer essas pautas com profundidade também reforça a importância de mulheres que sofrem violência de gênero busquem uma rede apoio e justiça. Segundo Nichetti, falar sobre mulheres também permite que a sociedade possa entender que o homem não tem poder sobre o corpo da mulher. “O número

alarmante de casos de violência contra a mulher não devem ser tratados como mero fenômeno social e, sim, como resultado do machismo cotidiano que submete meninos e meninas, desde seu nascimento, a uma socialização perversa e desigual”.

Estamos falando aqui de misoginia, de repulsa e de ódio ao gênero feminino. Tais sentimentos fazem parte da educação pautada no patriarcado que influencia os homens a acharem que são donos do corpo e da vida das mulheres. Além disso, o patriarcado ensina que as relações de poder entre os gêneros devem colocar a mulher numa posição subalterna a do homem, fazendo-a mera coadjuvante e vítima de sua própria vida, sendo o gênero masculino detentor de poder sobre a mulher, podendo ter controle do seu corpo, sua mente e até mesmo de sua sexualidade. A escola, a mídia, a família e a sociedade de modo geral permitem que eles possam crescer gozando de privilégios e acreditando que a mulher deva ser submissa. Luiza Nichetti (2013)

Diário de bordo: uma revisão sobre o processo de produção

A ideia da reportagem surgiu em agosto de 2021, durante estágio no Portal Metrôpoles. Como estagiária, cobri diversos casos de feminicídio no Distrito Federal. As histórias eram acompanhadas desde o dia do crime até o enterro da vítima. Entre as matérias factuais, surgiu o sentimento de que sempre faltava algo na cobertura desses casos. Isso porque o Portal não tem o costume de continuar acompanhando aquelas famílias. Então, após o enterro, nada sabíamos sobre como seguiam os filhos daquelas mulheres que perderam a vida de forma tão brutal.

Dessa forma, passei a pegar nome e telefone de alguns parentes das vítimas para que um dia eu pudesse voltar a ligar e saber como estavam os órfãos do feminicídio. Em abril de 2022, eu liguei para a primeira família para ter notícias de três crianças que enfrentavam a perda da mãe e do pai. A verdade é que as crianças ainda não tinham nenhum suporte do poder público.

Em 30 de abril de 2022, eu escrevi a matéria para o Portal Metrôpoles: “No DF, 262 órfãos do feminicídio esperam amparo previsto em lei”. A reportagem chamava atenção para o fato de que, mesmo após oito meses, a Lei nº6.937, criada pelo relator da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Feminicídio, deputado distrital Fábio Felix (PSol), não estava regulamentada.

A iniciativa previa apoio financeiro, assistência social e à saúde, alimentação, moradia, educação e assistência jurídica gratuita para as crianças e os adolescentes e os respectivos responsáveis legais pelo programa Órfãos do Feminicídio: atenção e proteção.

Após a reportagem para o Metrôpoles, a vontade de aprofundar mais no assunto cresceu. No segundo semestre de 2022, entrevistei a primeira família que seria personagem do meu trabalho de conclusão de curso. O principal objetivo sempre foi que o repórter pudesse acompanhar um pouco da rotina dessas famílias, por isso o encontro pessoal era fundamental.

A primeira família me recebeu em uma casa em Planaltina. No local, foi possível conhecer as crianças e conversar com os responsáveis sobre os principais problemas enfrentados e a falta de uma rede de apoio.

Duas semanas depois, a segunda família me recebeu, também em Planaltina. Foi possível conhecer o local onde as crianças dormiam e comiam e entender como funcionava a rotina daqueles quatro órfãos.

Os meses seguintes serviram para que as entrevistas fossem decupadas e que fosse sinalizado aquilo que seria utilizado ou não na reportagem. Dessa forma, ao pensar nas histórias, foi preciso descartar as outras três famílias que tinham sido pensadas para participar da matéria. A ideia é que tivesse espaço para me aprofundar em apenas duas histórias.

As famílias escolhidas foram as de Planaltina. As únicas que já tinham sido entrevistadas. Os próximos passos foram pensados na execução do site. Foi decidido que as histórias seriam divididas por “botões” dentro do site, com mais um texto para dados e especialistas.

As entrevistas com os especialistas também seguiu uma ordem que ajudou na forma de escrever a matéria. Primeiro, a psicóloga infantil elucidou todos os sintomas que trauma que os personagens da matéria tinham. Em seguida, a delegada da mulher pôde falar sobre o feminicídio e como seria possível ter evitado a morte daquelas mulheres retratadas na reportagem.

Desta forma, a reportagem elaborada também buscou demonstrar uma forma diferente de se produzir a notícia com um conteúdo web mais completo. Foi por essa razão que o jornalismo literário se tornou a referência para uma maior compreensão e comoção do leitor.

Considerações finais

Este memorial teve o objetivo de revisar o processo de apuração e refletir sobre o desenvolvimento da grande reportagem “Órfãos do feminicídio”. O material busca mostrar um pouco da rotina de sete crianças que perderam a mãe de forma brutal e seguem lidando com os traumas que o episódio causou.

A ferramenta web, neste caso, tornou-se essencial para a veiculação do material produzido e para aproximar o leitor do tema. Portanto, elementos do meio on-line se tornaram base para essa aproximação. No jornalismo atual, há a necessidade de se comunicar sobre os problemas observados pelo repórter, essencial ao sistema democrático.

Falar sobre o feminicídio e sobre os filhos dessas mulheres é também uma forma de cobrança ao poder público. Não há nenhuma lei que ampare os órfãos do feminicídio que seguem sofrendo a dor da violência contra a mulher.

É importante ressaltar que é dever do jornalista contar, de maneira honesta e fidedigna, o relato e a compreensão do fato mencionado. Porém, é necessário esclarecer que o repórter sempre deixará na matéria a bagagem e percepção de vida. Nesse sentido, é preciso estar conectado prioritariamente aos problemas sociais dos que vivem relegados à indiferença pública.

Referências bibliográficas

CAMPOS, Carmen Hein de; CARVALHO, Salo. “Tensões atuais entre a criminologia feminista e a criminologia crítica: a experiência brasileira”. In: CAMPOS, Carmen Hein de (Org.). **Lei Maria da Penha Comentada em uma perspectiva jurídico- feminista**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011, p.143-149

CAMPOS, Carmen Hein de. “Revista de Criminologias e Políticas Criminais”. In: CAMPOS Carmen. **Órfãos do feminicídio: vítimas indiretas da violência contra a mulher**. Goiânia: Double Blind Review, 2019

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1995

PALÁCIOS, Marcos. **Memória: Jornalismo, memória e história na era digital**. In: CANAVILHAS, João (Org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. (Cidade): LabCom, 2014.

PORTAL METRÓPOLES. No DF, 262 órfãos do feminicídio esperam amparo previsto em lei. <https://www.metropoles.com/distrito-federal/no-df-262-orfaos-do-feminicidio-esperam-amparo-previsto-em-lei> . Acesso em 27 de novembro de 2022.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA. Painel do feminicídio. Disponível em: <https://feminicidio.ssp.df.gov.br/extensions/feminicidio/feminicidio.html#1> . Acesso em 2 de setembro 2022.

SILVA. Carlos Eduardo Lins; SANTOS, Mario Vitor (org.). **Manual de Redação da Folha de São Paulo**. São Paulo; Edifolha, 1996.

SCHWINGEL, Carla, **Jornalismo Digital de Quarta Geração: a emergência de sistemas automatizados para o processo de produção industrial no**

Jornalismo Digital. Niterói: Facom-UFBA, 2005. Disponível em: <https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/Schwingel_2005_Compos.pdf> . Acesso em: 18 de outubro de 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Precisamos falar sobre feminicídio: a violência contra a mulher tem nome e se chama misoginia. Disponível em:<https://legpv.ufes.br/precisamos-falar-sobre-femicidio-violencia-contra-mulher-t-em-nome-e-se-chama-misoginia>. Acesso em 20 de novembro de 2022.